

Orquestra Gulbenkian

Paul McCreesh
Gautier Capuçon



GULBENKIAN
MÚSICA

20 + 21 ABRIL 2017



21 DE ABRIL
SEXTA

18:00 — *Zona de Congressos*

Entrada Livre

Conhecer uma obra — Guia de audição

Concerto para Violoncelo e Orquestra n.º 1 de Saint-Saëns
por **Alexandre Delgado**

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



Joaquim há mais de 100 anos

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



Orquestra Gulbenkian

20 DE ABRIL
QUINTA

21.00 — *Grande Auditório*

21 DE ABRIL
SEXTA

19.00 — *Grande Auditório*

Orquestra Gulbenkian

Paul McCreesh Maestro

Gautier Capuçon Violoncelo

Erik Satie / Claude Debussy

Gymnopédies n.º 1 e n.º 3

Camille Saint-Saëns

Concerto para Violoncelo e Orquestra n.º 1,
em Lá menor, op. 33

Allegro non troppo –

Allegretto con moto –

Tempo primo

INTERVALO

Ludwig van Beethoven

Sinfonia n.º 7, em Lá maior, op. 92

Poco sostenuto – *Vivace*

Allegretto

Presto – *Assai meno presto*

Allegro con brio

Duração total prevista: c. 1h 45 min.

Intervalo de 20 min.

O concerto de 21 de Abril é transmitido em direto pela RTP – Antena 2

21 DE ABRIL
SEXTA

21.30h — Grande Auditório

Solistas da Orquestra Gulbenkian

Cristina Ánchel Flauta

Alice Caplow-Sparks Oboé

Esther Georgie Clarinete

Vera Dias Fagote

Eric Murphy Trompa

Jordi Rodriguez Violino

Leonor Braga Santos Viola

Jeremy Lake Violoncelo

Maja Plüddemann Contrabaixo

Francis Poulenc

Trois mouvements perpétuels

Assez modéré

Très modéré

Alerte

Bohuslav Martinů

Nonet

Poco allegro

Andante

Allegretto

Nino Rota

Nonetto

Allegro

Andante

Allegro con spirito

Canzone con variazioni

Vivacissimo

Duração total prevista: c. 1h

Concerto sem intervalo

Este concerto é gravado pela RTP – Antena 2

Erik Satie

Honfleur, 17 de maio de 1866

Paris, 1 de julho de 1925

Claude Debussy

Saint-Germain-en-Laye, 22 de agosto de 1862

Paris, 25 de março de 1918

Gymnopédies n.º 1 e n.º 3

COMPOSIÇÃO: 1888

ESTREIA: 1897 (C. Debussy)

DURAÇÃO: c. 7 min.



ERIK SATIE © DR

Saindo da casa paterna em 1887, Erik Satie apresentava-se como “gymnopédiste”, mas só na primavera seguinte escreveria as suas três *Gymnopédies* para piano. Após a estreia da primeira, em dezembro de 1888, Satie assumiu a função de segundo pianista no cabaret Chat Noir, atividade que não lhe valia qualquer remuneração, mas que lhe traria algum reconhecimento no meio. Exemplo disso é uma referência à terceira *Gymnopédie* na publicação semanal do Chat Noir, eventualmente da lavra do próprio, em que se lia algo como “Novidade disponível no n.º 6 do Boulevard de Magenta, terceira *Gymnopédie* de Erik Satie. Nenhuma recomendação para esta obra essencialmente artística é suficiente para o público musical. Pode ser de imediato considerada como uma das mais belas do século que viu nascer este desafortunado cavalheiro”. Embora bem recebidas no Chat Noir, as *Gymnopédies* ficaram muito aquém do sucesso de vendas e de execuções que a irónica referência poderia fazer supor. Consideradas modernistas, eram tidas como portadoras de algum interesse enquanto peças experimentais, mas que se esgotavam numa primeira audição, sem suscitar qualquer reflexão e análise. Todavia, Claude

Debussy e Maurice Ravel seriam os defensores das *Gymnopédies*, operando a deslocação das mesmas do cabaret para a sala de concertos, orquestrando-as e interpretando-as, elevando-as, enfim, à possibilidade de uma nova apreciação. Não foi sem esforço que Debussy conseguiu que uma versão orquestrada dessas obras fosse programada na Société Nationale. Quase nove anos após a sua composição, o próprio Debussy orquestrou a primeira e terceira *Gymnopédies*, fazendo com que fossem estreadas em fevereiro de 1897 sob a direção de Gustave Doret. Esse momento revelou-se de particular importância para Satie, tendo em conta a notoriedade que a sua associação à figura de Debussy traria à sua música. Apesar de ter escolhido apenas duas das *Gymnopédies* para piano (a 1.ª e a 3.ª), de lhes ter invertido a ordem e de ter tornado a textura das peças mais densa na sua orquestração, Debussy demonstra grande respeito pelo original, atribuindo às cordas o que originalmente correspondia ao acompanhamento da mão esquerda (no piano) e à flauta e oboé, ou violinos, o material melódico. Acresce ainda a marcação do compasso em *pizzicato* pelos baixos e, na segunda, o prato e a os arpejos da harpa.

Camille Saint-Saëns

Paris, 9 de outubro de 1835

Argel, 16 de dezembro de 1921

Concerto para Violoncelo e Orquestra n.º 1, em Lá menor, op. 33

COMPOSIÇÃO: 1872

ESTREIA: Paris, 19 de janeiro de 1873

DURAÇÃO: c. 20 min.



CAMILLE SAINT-SAËNS © DR

No início da década de 1870, Camille Saint-Saëns demonstrou um interesse muito particular pelo violoncelo. O compositor contava trinta e seis anos quando compôs o primeiro dos seus dois concertos para violoncelo e orquestra. Assim que terminou essa partitura, escreveu a sua primeira sonata para violoncelo solo, em dezembro de 1872, compondo seguidamente o *Allegro appassionato*, op. 43, para violoncelo e piano, o qual, três anos mais tarde, surge também numa versão com orquestra (ainda antes do Concerto para Violoncelo e Orquestra n.º 2, op. 119, que apenas nasceria na alvorada do século seguinte, em 1902).

Escrito para o violoncelista belga Auguste Tolbecque, que o estreou em janeiro de 1873, o Concerto para Violoncelo n.º 1, em Lá menor, op. 33, é tecnicamente menos exigente, mas musicalmente mais exuberante do que o Concerto n.º 2, op. 119, tendo sido sempre o mais divulgado dos dois. O tema principal impõe-se logo de início, na voz quente do solista, surgindo inúmeras vezes ao longo da peça.

O segundo tema, mais calmo e lírico, conduz a um breve desenvolvimento que resulta numa surpreendente secção, em si bemol maior, que inclui uma cadência do instrumento solista. É o oboé quem recorda o tema principal, retomando a mesma vivacidade inicial com que a orquestra conduzirá à última parte do andamento.

A última secção da peça começa com um tema sincopado no violoncelo solista, que depois dará lugar a um tema mais grave, antes de retomar uma vez mais o ímpeto inicial.

Se não andamos longe da verdade ao pensar esta obra como um único andamento, é igualmente válido encará-la como um conjunto de três secções, com *tempi* e compassos variados, ligadas entre si, reproduzindo o tradicional modelo de andamentos: rápido – lento – rápido.

O Concerto para Violoncelo n.º 1 de Saint-Saëns foi muito bem recebido desde o momento da sua estreia, sobretudo em França onde foi enaltecido o facto da partitura não se mostrar contagiada pelos laivos modernistas que outras obras do compositor exibiam.

Ludwig van Beethoven

Bona, 16 (ou 17) de dezembro de 1770

Viena, 26 de março de 1827

Sinfonia n.º 7, em Lá maior, op. 92

COMPOSIÇÃO: 1812

ESTREIA: Viena, 8 de dezembro de 1813

DURAÇÃO: c. 40 min.

Regressado das Termas de Teplice (na atual República Checa), onde passara o verão de 1811 com o intuito de se restabelecer de um estado de saúde que inspirava alguns cuidados, Beethoven iniciou a composição da sua 7.ª Sinfonia em Viena, no outono do mesmo ano. Claramente restabelecido, mas com ideias mais definidas para os andamentos extremos do que para o segundo e terceiro andamentos, o compositor entregou-se a um trabalho de fôlego que não terminaria com a conclusão da Sinfonia n.º 7 na primavera seguinte, lançando-se de imediato para a escrita da 8.ª sinfonia. Esboços iniciais apontam a tonalidade de Dó maior como possibilidade para o andamento lento. Porém, a inusitada tonalidade de uma medianta baixada não aparece senão numa secção central do *Allegretto* em Lá menor, entre uma primeira secção em Lá maior e o regresso da música à sua homónima menor. A tonalidade de Dó maior acaba por exercer o papel de uma importante tonalidade secundária, já que também o tema principal do *Allegro* final aí se demorará numa longa passagem, à semelhança do que sucedeu na introdução do primeiro andamento. Juntamente com a novíssima e estrondosa obra orquestral *A Vitória de Wellington*,

Beethoven Werke.
SIEBENTE SYMPHONIE
von
L. VAN BEETHOVEN.
Serie 1. N.º 1.
Dem Heiligsten Mechte von Friede gewidmet.
Op. 92.
Poco sostenuto. A. 22. Cominciato in Adagio mos.

Flauti.
Oboi.
Clarineti in A.
Fagotti.
Corni in A.
Trombe in D.
Timpani in A.E.
Violino I.
Violino II.
Viola.
Violoncello.
Basso.

op. 91, a Sinfonia n.º 7 foi estreada em dezembro de 1813, em Viena, num concerto de beneficência a favor das viúvas e órfãos dos austríacos e bávaros mortos na última campanha contra Napoleão. Aquilo que então melhor impressionou o público foi o *Allegretto* da 7.ª Sinfonia – um dos mais brilhantes exemplos de crescendo orquestral de toda a História da Música! – que viria a ser repetido no final do concerto.

Nesta magistral sinfonia, os intensos ataques da orquestra, juntamente com as modulações e as dinâmicas evolutivas, funcionam como um íman que mantém o ouvinte cativo ao longo da introdução, preparando o *ostinato* galvanizador – de um padrão rítmico muito simples – que encadeará de forma fluida as surpresas harmónicas. Também o *Allegretto* vive da repetição exaustiva de um padrão rítmico que joga eficazmente com a alternância de naipes e de registos, mas também de plano e de modo, o que o empurra de uma melancolia capital para subtis nuances de otimismo. O terceiro andamento é uma permanente surpresa que antecede o exultante final.

NOTAS DE DIANA FERREIRA

Francis Poulenc

Paris, 7 de janeiro de 1899

Paris, 30 de janeiro de 1963

Trois mouvements perpétuels

COMPOSIÇÃO: 1919 / 1925 / 1946

ESTREIA: Paris, 9 de fevereiro de 1919

DURAÇÃO: c. 6 min.



A estreia de *Mouvements perpétuels*, para piano, teve lugar na Salle Huyghens, a 9 de fevereiro de 1919, pelas mãos de Ricardo Viñes, professor de piano de Francis Poulenc. Este tinha na altura vinte anos e, pelo menos desde 1917, era um dos protegidos de Erik Satie e do seu círculo artístico mais próximo, o qual incluía Viñes. Será de resto o pianista a apresentá-lo a alguns dos nomes mais influentes do meio musical parisiense, como Isaac Albéniz ou Maurice Ravel. A dedicatória revela esse mundo intelectualmente estimulante do pós-guerra-francês: Poulenc dedica-a a Valentine Gross, ilustradora e pintora de cenários de teatro, que se tornaria a companheira de André Breton. Para muitos, a linguagem do jovem Poulenc representava ir além das experiências anteriores do simbolismo, juntando uma nova nitidez e frescura ao discurso musical. Como referiu o compositor Darius Milhaud, seria essa clareza a renovação da tradição de Scarlatti e de Mozart. A obra foi escrita originalmente para piano e orquestrada posteriormente. A primeira adaptação foi realizada em 1925 para orquestra de câmara, passando a intitular-se *Trois mouvements*

perpétuels. O arranjo em programa, para nove instrumentos, foi realizado em 1946.

Os três curtos andamentos percorrem, neste arranjo, uma paleta tímbrica que tira o maior partido individual dos instrumentos e das ideias musicais. O primeiro andamento, *Assez modéré*, apresenta uma melodia descendente leve no clarinete, contrastando depois com outra ascendente, com o apoio das cordas, seguindo-se uma secção mais doce que desagua num *valentando* e depois num final lento, quase perene, com destaque para as madeiras. O andamento seguinte, *Très modéré*, inicia-se com destaque para as cordas, num ambiente quase melancólico, seguindo-se o mesmo desenho nas madeiras, em particular no oboé. O diálogo melódico entre as cordas e os sopros, com a linha do baixo bem marcada, é notório nesta miniatura, que termina com um *glissando* em *pianissimo*. O último andamento, *Alerte*, é mais *giocoso*, com o clarinete a introduzir a melodia, seguido da flauta e da entrada da trompa. Os momentos de contraste, com maior melancolia, surgem usando os sopros com a base das cordas, em particular na secção central.

Bohuslav Martinů

Polička, 8 de dezembro de 1890

Liestal, 28 de agosto de 1959

Nonet

COMPOSIÇÃO: 1959

ESTREIA: Salzburgo, 27 de julho de 1959

DURAÇÃO: c. 17 min.



BOHUSLAV MARTINŮ © DR

Bohuslav Martinů foi, a par de Dvořák, um dos mais notáveis compositores checos. Alcançou o sucesso maioritariamente fora do seu país, nomeadamente nos Estados Unidos da América, onde se radicou em 1941 na sequência da ocupação nazi de Paris. Nos anos seguintes estreou várias obras e afirmou o seu nome entre a miríade de compositores nos E.U.A., dedicando-se também ao ensino na Universidade de Princeton durante cinco anos. Após a morte de Dvořák, foi nomeado diretor do Conservatório de Praga, dividindo o seu tempo entre a composição e o ensino.

A sua produção musical inclui seis sinfonias, quinze óperas, bailados, repertório vocal e para solista e várias obras de música de câmara. Entre elas destaca-se um dos seus últimos trabalhos, o *Nonet*, terminado e estreado um mês antes da sua morte. Foi dedicado ao České Noneto (Noneto Checo, fundado em 1924) que o estreou no Festival de Salzburgo em 1959. A obra é inspirada nas paisagens sonoras campestres da Boémia e da Morávia, notando-se também uma forte influência clássica, sobretudo de Joseph Haydn. Durante a sua estadia na América, Martinů

dedicou-se afincadamente ao estudo da obra do compositor, admirando a leveza e a clareza formal e melódica. O *Nonet* divide-se em três andamentos. O primeiro, *Poco allegro*, tem início com o principal motivo melódico no clarinete, destacando uma célula rítmica que surgirá ao longo de todo o andamento. Com secções mais homofónicas, sobretudo na parte central da obra, é de destacar também o diálogo fluído entre os instrumentos e, em particular, o contraste entre o *legato* na melodia e o *staccato* no acompanhamento. O carácter do segundo andamento, *Andante*, é diferente do anterior, criando uma paisagem quase misteriosa e de grande expressividade que se inicia com as cordas, fazendo uso de quíalteras ascendentes que aparecerão de modo recorrente. De destacar os apontamentos neoclássicos, em particular o uso do baixo de Alberti nas cordas em algumas passagens, suportando o desenho melódico da flauta ou do oboé. O último andamento, *Allegretto*, introduz uma melodia leve e quase campestre no violino, cujo carácter é explorado por uma escrita que revela clareza e uma economia temática que o torna límpido.

Nino Rota

Milão, 3 de dezembro de 1911

Roma, 10 de abril de 1979

Nonetto

COMPOSIÇÃO: 1959 / 1976

ESTREIA: Città di Castello, setembro de 1976

DURAÇÃO: c. 27 min.



NINO ROTA © DR

Nino Rota, ou Giovanni Rota Rinaldi, foi um dos mais célebres compositores de música para cinema, destacando-se, entre outras, as colaborações nos filmes de Luchino Visconti, Franco Zeffirelli ou Federico Fellini. Compôs bandas sonoras para mais de 150 filmes, tendo dedicado também o seu tempo a compor sinfonias, ballets, ópera, concertos e música de câmara. Nino Rota iniciou a composição do *Nonetto* em 1959, retomando-o diversas vezes em sucessivas alterações e revisões. Em setembro de 1976, a obra foi apresentada no Festival delle Nazioni di Città di Castello, na sua versão final, tendo sido bem-recebida pelo público e pela crítica. Divide-se em cinco andamentos que percorrem as paisagens neoclássicas marcadas pela criatividade vibrante do compositor, tanto na plasticidade do material melódico como na própria conceção instrumental, remetendo para a esfera das serenatas e *divertimenti* clássicos.

O primeiro andamento, *Allegro*, inicia-se com um tema vivo que abre a porta ao diálogo entre os instrumentos, em particular a flauta, o oboé e o violino. Seguem-se algumas secções com um

carácter semelhante à vivacidade dos temas para cinema, desenvolvendo-se quase naturalmente a partir dos motivos rítmicos e melódicos apresentados. O *Andante* inicia-se com o oboé em destaque, apoiado pelas cordas, juntando-se depois os restantes sopros, com um motivo que é recorrente e que enforma musicalmente este andamento. O *Allegro con spirito* seguinte introduz uma melodia vibrante no violino, depois replicada no oboé, na trompa e nos restantes instrumentos, com reminiscências de uma dança *giocosa* ou de um *scherzo*. O andamento mais longo da obra é a *Canzone con variazioni*, que começa com um tema simples e contido. Cada uma das variações, cinco no total, é tratada com o intuito de gerar diferentes texturas, ora privilegiando a melodia, ora recorrendo a efeitos como a repetição, criando um efeito de quase movimento perpétuo. O *Vivacissimo* final é mais intenso, ao combinar a intensidade rítmica com um toque de humor que é apanágio do compositor, percorrendo os instrumentos de forma viva e vigorosa, num jogo entre todos.

NOTAS DE PEDRO RUSSO MOREIRA

Paul McCreesh

Maestro



PAUL MCCREESH © BEN WRIGHT

Músico empolgante e inovador, Paul MacCreesh destacou-se em função do seu trabalho com o Gabrieli Consort & Players, agrupamento que fundou em 1982 e do qual é o Diretor Artístico. Desenvolvendo o seu trabalho com energia e paixão, dirigiu também muitas orquestras e coros a nível internacional. Mais recentemente, dirigiu a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Filarmónica de Bergen, a Royal Northern Sinfonia, a Metropolitana de Tóquio, a Filarmónica de Hong-Kong, A Sinfónica de Sydney, a Orquestra do Festival de Verbier e a Orquestra do Konzerthaus de Berlim. Colabora regularmente com as Orquestras de Câmara de Saint Paul e de Basileia. Dedicar-se também, com especial empenho e dedicação, ao trabalho com jovens músicos, colaborando regularmente com coros e orquestras juvenis e na criação de novos projetos educativos neste domínio. Entre 2013 e 2016, foi Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian, à frente da qual dirigiu repertório dos períodos clássico, romântico e contemporâneo, tendo trabalhado também intensamente com o Coro Gulbenkian. No domínio das grandes obras corais, destaque-se

a sua revisão da versão em inglês da oratória *As Estações* de J. Haydn, que foi apresentada em 2011 em Schleswig-Holstein e na Fundação Gulbenkian. Paul McCreesh estabeleceu uma forte reputação no domínio da ópera, destacando-se produções como *Tamerlano*, *Il trionfo del tempo e del disinganno* e *Jephtha*, de Händel, ou *Orphée et Eurydice* de Gluck, em palcos como o Teatro Real de Madrid, a Ópera Real Dinamarquesa, a Opéra Comique, ou o Festival de Verbier. Em 2015-2016 dirigiu *Sonho de uma noite de verão*, de Britten, na Ópera de Bergen, e *Idomeneo*, na Ópera da Flandres. Ao longo de quinze anos, produziu para a Deutsche Grammophon uma relevante coleção discográfica que recebeu os mais importantes prémios da especialidade, tendo sido nomeado para os *Grammy* em 2010. Em 2011 lançou a sua própria etiqueta, a Winged Lion, em colaboração com o Gabrieli Consort & Players, a Signum Classics e o Festival Wratislavia Cantans, do qual foi Diretor Artístico entre 2006 e 2012. Até agora, foram editadas sete gravações que foram merecedoras de vários prémios, incluindo *Diapason d'Or*, *Gramophone* e *BBC Music Magazine*.

Gautier Capuçon

Violoncelo



GAUTIER CAPUÇON © NICOLAS BRODARD

O violoncelista francês Gautier Capuçon nasceu em Chambéry em 1981. Estudou com Philippe Muller e Annie Cochet-Zakine no Conservatório Nacional Superior de Paris, e com Heinrich Schiff em Viena. No início da sua carreira, foi distinguido com vários prémios, incluindo o Prémio Internacional André Navarra e “Novo Talento do Ano”, nos *Victoires de la Musique*, em 2001. Verdadeiro embaixador do violoncelo no século XXI, em cada temporada Gautier Capuçon colabora com muitos dos mais destacados maestros e instrumentistas.

É também o fundador e líder da *Classe d'Excellence de Violoncelle* da Fundação Louis Vuitton, em Paris. A sua musicalidade profundamente expressiva e o seu exuberante virtuosismo são reconhecidos internacionalmente, bem como a sonoridade única do seu violoncelo Matteo Goffriller de 1701. Na temporada 2016/17 colaborou com a Sinfónica de Londres, a Philharmonia Orchestra, a Orquestra Nacional Russa, a Staatskapelle Dresden, a Filarmónica de Munique, a Sinfónica de Chicago, a Filarmónica de Los Angeles e a Sinfónica de São Francisco, tendo-se também apresentado em concertos no

Japão, na China e na Coreia do Norte. Em Abril de 2017, apresentou-se na Fundação Gulbenkian com a Gustav Mahler Jugendorchester, sob a direção de Myung-Whun Chun, tendo então interpretado o Duplo Concerto, op. 102, de Brahms, com o seu irmão Renaud Capuçon. No domínio da música de câmara, Gautier Capuçon apresenta-se anualmente nas principais salas e festivais a nível internacional, em parceria com artistas como Nicholas Angelich, Martha Argerich, Daniel Barenboim, Lisa Batiashvili, Frank Braley, Jérôme Ducros, Leonidas Kavakos, Katia e Marielle Labèque, ou Menahem Pressler. Gautier Capuçon grava em exclusivo para a Erato (Warner Classics), tendo recebido vários prémios *Echo Klassik*. As suas gravações mais recentes incluem os Concertos para Violoncelo de Chostakovitch, com a Orquestra do Teatro Mariinsky e o maestro Valery Gergiev, e o Quinteto D. 956, de Schubert, com o Quarteto Ebène. Em 2013 a Deutsche Grammophon lançou um DVD no qual Gautier Capuçon interpreta, ao vivo, o Concerto para Violoncelo n.º 1 de J. Haydn, com a Filarmónica de Berlim e o maestro Gustavo Dudamel.

Cristina Ánchel

Flauta



Alice Caplow-Sparks

Oboé



Cristina Ánchel Estebas nasceu em Espanha e começou a estudar flauta no Conservatório de Música de Torrent, em Valência, onde obteve as mais altas classificações. Prosseguiu a sua formação no Conservatório Superior de Música Oscar Esplá, em Alicante, onde se diplomou com a nota máxima. Frequentou também cursos de aperfeiçoamento no Mozarteum de Salzburgo e na Bachakademie de Estugarda. Em 2001 venceu o Concurso Internacional de Música Pedro Bote, em Villafranca de los Barros.

Colaborou com várias orquestras, incluindo a Sinfónica Europeia, a Orquestra Clássica de Valência, a Orquestra do Mediterrâneo, a Orquestra de Câmara Rainha Sofia, a Sinfónica de Málaga, a Sinfónica de Valência, a Sinfónica do Principado das Astúrias, a Sinfónica de Madrid e a Orquestra Nacional de Espanha. Como solista, interpretou obras de Mozart, Ibert, C. Ph. E. Bach e J. S. Bach, com a Orquestra da Universidade de Valência e a Sinfónica da Estremadura.

Como membro do agrupamento de câmara Carl Nielsen, atuou em festivais de música por toda a Espanha. Entre 2000 e 2007, Cristina Ánchel foi flauta solista da Orquestra Sinfónica da Estremadura. É 1.º Solista auxiliar da Orquestra Gulbenkian desde 2007.

Alice Caplow-Sparks começou a tocar oboé aos doze anos de idade em Seattle, sua cidade natal. Prosseguiu os seus estudos na Cidade do México durante um ano, regressando então a Seattle onde foi aluna do oboísta Alex Klein. Aos dezoito anos deixou Seattle para prosseguir os seus estudos no Oberlin Conservatory, no Ohio, com James Caldwell. Durante o tempo que ali permaneceu, esteve ativamente envolvida com o Oberlin Contemporary Music Ensemble, além de outros grupos de câmara e orquestras. Depois de finalizar a sua Licenciatura, ingressou na Eastman School of Music, em Rochester, Nova Iorque, onde frequentou e concluiu o Mestrado com Richard Killmer. Viajou então até Paris, onde estudou com David Walter no Conservatório. Em Eastman encomendou uma obra original para oboé e trio de cordas ao compositor Gregory Mertl, a qual foi estreada no seu recital de graduação. O seu grande interesse pela música de câmara teve o seu primeiro desenvolvimento durante uma digressão a Paris com o seu quinteto de sopros de Oberlin. Em 2004 integrou a Orquestra Metropolitana de Lisboa e atualmente é membro da Orquestra Gulbenkian, onde ingressou em 2006. Colaborou também com a Orquestra Sinfónica Portuguesa e com a Orquestra da Galiza. Apresenta-se regularmente em programas de música contemporânea com a Orchestrutopica e é fundadora da Outrarte, um projeto multidisciplinar focado na conceção de programas inovadores.

Esther Georgie

Clarinete



Esther Georgie nasceu em Michigan, nos Estados Unidos da América. Filha de mãe pianista e de pai organista, começou a tocar piano a partir dos três anos de idade. Mais tarde apaixonou-se pelo clarinete, tendo atuado com a sua mãe em vários recitais. Aos doze anos viajou para Inglaterra para prosseguir os seus estudos de piano e clarinete no Royal College of Music, em Londres. Diplomou-se com *First Class Honours* e foi distinguida com vários prémios, incluindo o Frederick Thurston Memorial Prize. Nessa altura, venceu a International Young Concert Artists Competition e o Young Artists Platform de Londres. Estes êxitos permitiram-lhe apresentar-se em recitais no Wigmore Hall, no Fairfield Hall, na Leighton House e para a BBC. Sir David Willcocks convidou-a para interpretar o Quinteto de Brahms, com o Quarteto Auriol, na presença de S. A. R. o Príncipe de Gales. Como 1.º Clarinete, colaborou com a Royal Liverpool Philharmonic no ano em que esta orquestra celebrou 150 anos, incluindo um concerto de gala na presença da Rainha Elizabeth. Em 1987 tornou-se 1.º Clarinete Solista da Orquestra Gulbenkian, tendo-se apresentado como solista em muitas ocasiões. É membro fundador do Trio Bartikian e mais recentemente integra um quinteto de sopros constituído por solistas da Orquestra Gulbenkian. Toca também regularmente em duo com o clarinetista João Pedro Santos. Mervyn Cooke, Ivan Moody e Diogo Alvim dedicaram-lhe obras suas.

Vera Dias

Fagote



Vera Dias nasceu em Guimarães. Aos doze anos de idade ingressou na Escola Profissional Artística do Vale do Ave, onde iniciou os seus estudos musicais na classe de fagote de Jesus Coelho. Posteriormente, estudou com Paulo Martins, com quem terminou o Curso de Instrumentista de Sopro, tendo-lhe sido atribuído o prémio Dra. Manuela Carvalho. Aos dezoito anos foi admitida na Staatliche Hochschule für Musik – Karlsruhe, na classe de fagote de Günter Pfitzenmaier. Licenciou-se em 2008 na Escola Superior de Música de Lisboa. Colaborou com a Orquestra Portuguesa das Escolas de Música, a Orquestra Aproarte, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra de Câmara da Staatliche Hochschule für Musik – Karlsruhe, a Orquestra de Câmara de Pforzheim e a Orquestra de Câmara de Estugarda, tendo participado em concertos em toda a Europa e no Oriente. Em 2003 e 2004, foi selecionada para integrar a escola de verão da Orquestra de Jovens da União Europeia, tendo-a apenas frequentado em 2004. Em 2003 declinou aquela oportunidade para poder concorrer ao Prémio Jovens Músicos, onde recebeu o 1.º Prémio – Nível Superior, na modalidade de Fagote. Em 2004 foi 2.º Prémio no concurso Landespolizei, em Karlsruhe. Foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian de 2003 a 2006. É 1.º Fagote Solista da Orquestra Gulbenkian desde setembro de 2006.

Eric Murphy

Trompa



Jordi Rodriguez

Violino



Eric Murphy começou a estudar trompa com William Kuyper, da Orquestra Filarmónica de Nova Iorque, continuando mais tarde os seus estudos com Norman Schweikert e Richard Oldberg, da Orquestra Sinfónica de Chicago. Enquanto aluno na Northwestern University, em Chicago, foi um dos quatro trompistas galardoados com o 1.º Prémio no concurso da universidade, pela interpretação dos *Konzertstück* de Schumann. Depois de se ter diplomado em música e literatura inglesa pela Northwestern University, em 1989, foi 2.º trompa na Philharmonia Hungarica, em Marl, na Alemanha, sob a direcção de Gilbert Varga. Na Suíça, foi 2.º trompa na Orquestra Sinfónica de Biel e 3.º trompa na Orquestra Sinfónica de Berna, durante os três anos e meio seguintes. Em 1994 tomou-se membro da Orquestra Gulbenkian, onde é atualmente 2.º trompa solista. Participou em gravações com a Philharmonische Werkstatt Orchester de Zurique e tocou também com a Südwestdeutsche Philharmonie, em Konstanz, na Alemanha. Trabalhou ainda com a Orquestra da Flórida e participou em festivais de música internacionais como membro da Orquestra da AIMS (Graz, Áustria) e da National Repertory Orchestra (Keystone, Colorado). Durante o período que permaneceu na Suíça, estudou também trompa natural, que interpreta com regularidade.

Jordi Rodriguez Cayuelas concluiu o Curso Superior de Violino no Conservatório de Música de Múrcia. Estudou posteriormente na Escuela Superior de Música Reina Sofía, em Madrid, com Vicente Huerta Faubel e José Luis García Asensio, na Universität für Musik und darstellende Kunst, em Graz, e na Robert Schumann Hochschule de Düsseldorf. Frequentou também os cursos de aperfeiçoamento de Mikhail Kopelman, Yair Kless, Sergey Girshenko, Joseph Silverstein, Walter Levin e Rainer Schmidt. Foi bolseiro da Fundação Yehudi Menuhin e da Fundação Carl Dörken. Recebeu primeiros prémios no Concurso de Violino do Festival Internacional de Orquestras Juvenis de Múrcia, no Concurso Nacional de Jovens Intérpretes de Xàtiva (Valência), no Concurso de Interpretação Musical Villa de Cox (Alicante) e no Concurso de Música de Câmara Schmolz-Bickenbach, em Düsseldorf. Apresenta-se regularmente como solista ou integrado em formações de música de câmara. Como violinista de concerto, colaborou com várias orquestras e atuou em vários países da Europa. No domínio da música de câmara, partilhou os palcos com artistas como Jürgen Kussmaul, Matthias Buchholz, Ida Bieler, ou Vicente Huerta. Atualmente, é 1.º solista no naipe dos segundos violinos da Orquestra Gulbenkian.

Leonor Braga Santos

Viola



Leonor Braga Santos estudou no Conservatório Nacional de Música, onde terminou o Curso Superior de Violino na classe de Leonor Prado. Foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian em Gstaad, onde estudou com Alberto Lysy. Dois anos mais tarde, optou pela viola de arco e regressou a Lisboa. Sob a orientação de François Bross, preparou-se para o concurso de admissão à Escola Superior de Música de Colónia, onde se viria a diplomar em 1987 com alta classificação, tendo sido aluna de Rainer Moog em viola e do Quarteto Amadeus em música de câmara. No âmbito do Festival de Pommersfelden, tocou a *Aria a Tre con Variazioni*, de Joly Braga Santos, em primeira audição na Alemanha, tendo anteriormente estreado esta peça em Lisboa. Participou no Festival de Sion, sob a direção de Tibor Varga, e percorreu vários países da Europa com o Ensemble Cologne, do qual fez parte até regressar definitivamente a Portugal. Na sua primeira apresentação, como solista, com a Orquestra Gulbenkian, interpretou o Concerto para Viola em Sol maior de G. P. Telemann. Gravou em CD o Sexteto para Cordas e o Quarteto com Piano de Joly Braga Santos. É frequentemente solicitada a integrar agrupamentos de música de câmara. É membro da Orquestra Gulbenkian desde 1988.

Jeremy Lake

Violoncelo



Jeremy Lake começou a estudar violoncelo aos dez anos de idade. Em 1986, como bolsista do Royal College of Music, estudou com Joan Dickson em Londres. O prémio Martin Musical Trust permitiu-lhe continuar a frequentar a mesma instituição. Foi galardoado com diversos prémios, sobretudo nos domínios da música de câmara e da música contemporânea. Foi escolhido pelo Royal College of Music para participar num conjunto de violoncelos com o célebre Mstislav Rostropovitch, tendo interpretado música de Heitor Villa-Lobos. Simultaneamente, fundou um trio com piano com o seu pai, o pianista Ian Lake, e com o violinista Frances Mason, ambos professores no Royal College of Music. Em 1991 foi finalista do concurso European Music for Youth, tendo a final lugar no Purcell Room, em Londres. Durante vários anos, colaborou com diversas orquestras, destacando-se a Royal Philharmonic Orchestra e a City of Birmingham Symphony Orchestra. Participou também em concertos como solista e deu recitais a solo em diversos festivais de música na Grã-Bretanha, na Dinamarca e em Portugal. Foi membro do Quarteto de Cordas Alba e do Delphos Music Group International, com os quais realizou várias digressões por toda a Europa. Em 1998 ingressou na Orquestra Metropolitana de Lisboa e foi professor na Academia Nacional Superior de Orquestra. Em 2001 iniciou a sua colaboração com a Orquestra Gulbenkian, onde ingressou definitivamente em 2005.

Maja Plüddemann

Contrabaixo



Maja Plüddemann nasceu em Stellenbosch, na África do Sul, tendo começado a estudar música aos cinco anos de idade. Estudou inicialmente piano e violino, mas a partir dos quinze anos dedicou-se ao contrabaixo. Depois de concluir o Bacharelato em Música na Universidade de Stellenbosch, prosseguiu o seu aperfeiçoamento em Portugal, sob a orientação de Iouri Axenov, antigo 1.º Solista da Orquestra Gulbenkian.

Em 2006 integrou a Orquestra do Algarve, com a qual se apresentou também como solista e em agrupamentos de música de câmara. Em 2009 ingressou na Orquestra Gulbenkian.

No âmbito de festivais e projetos de música de câmara, atuou no Brasil, na África do Sul, em França e na Áustria. Colaborou com os agrupamentos Virtuosity de São Petersburgo e Capella della Pietá dei Turchini. Integrou também o Ensemble Vivaldi, sob a orientação do especialista de música antiga Reinhard Goebel, em Salzburgo. Realizou estudos de pós-graduação, com Christine Hoock, no Mozarteum de Salzburgo.

Orquestra Gulbenkian



ORQUESTRA GULBENKIAN © GULBENKIAN MÚSICA – MÁRCIA LESSA

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Na temporada 2012-2013, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) celebrou 50 anos de atividade, período ao longo do qual foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências dos programas executados. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian a abordagem interpretativa de um amplo repertório, desde o Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora

interior. Em cada temporada, a orquestra realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música (maestros e solistas). Atuando igualmente em diversas localidades do país, tem cumprido desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian tem vindo a ampliar gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, Ásia, África e Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida desde muito cedo com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Susanna Mälkki é a Maestrina Convidada Principal e Joana Carneiro e Pedro Neves os Maestros Convidados. Claudio Scimone, titular entre 1979 e 1986, é Maestro Honorário, e Lawrence Foster, titular entre 2002 e 2013, foi nomeado Maestro Emérito.

Orquestra Gulbenkian

Susanna Mälkki Maestrina Convidada Principal

Joana Carneiro Maestrina Convidada

Pedro Neves Maestro Convidado

Lawrence Foster Maestro Emérito

Claudio Scimone Maestro Honorário

PRIMEIROS VIOLINOS

Birgit Kolar *Concertino Principal* *

Josefine Dalsgaard *1º Concertino Auxiliar* *

Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*

António José Miranda

António Veiga Lopes

Pedro Pacheco

Alla Javoronkova

David Wahnnon

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria Balbi

Otto Pereira

Manuel Abecasis *

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes *1º Solista*

Jordi Rodriguez *1º Solista*

Cecília Branco *2º Solista*

Maria Leonor Moreira

Stephanie Abson

Jorge Teixeira

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Maria José Laginha

Félix Duarte *

Miguel Simões *

VIOLAS

Samuel Barsegian *1º Solista*

Lu Zheng *1º Solista*

Isabel Pimentel *2º Solista*

André Cameron

Patrick Eisinger

Leonor Braga Santos

Christopher Hooley

Maia Kouznetsova

Bárbara Pires *

Cátia Santos *

Augusta Romaskeviciute *

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian *1º Solista*

Marco Pereira *1º Solista*

Martin Henneken *2º Solista*

Levon Mouradian

Jeremy Lake

Raquel Reis

Jaime Polo *

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*

Manuel Rêgo *1º Solista*

Maja Plüdemann *2º Solista*

Marine Triolet

FLAUTAS

Sophie Perrier *1º Solista*

Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*

Amália Tortajada *2º Solista*

OBOÉS

Pedro Ribeiro *1º Solista*

Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*

Alice Caplow-Sparks *2º Solista*

Corne inglês

CLARINETES

Esther Georgie *1º Solista*

Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*

José María Mosqueda *2º Solista*

Clarinete baixo

FAGOTES

Ricardo Ramos *1º Solista*

Vera Dias *1º Solista Auxiliar*

TROMPAS

Gabriele Amarù *1º Solista*

Kenneth Best *1º Solista*

Eric Murphy *2º Solista*

Darcy Edmundson-Andrade *2º Solista*

TROMPETES

Stephen Mason *2º Solista*

Paulo Carmo *1º Solista Auxiliar* *

David Burt *2º Solista*

TROMBONES

Rui Fernandes *2º Solista*

Pedro Canhoto *2º Solista*

TUBA

Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES

Rui Sul Gomes *1º Solista*

Marinus Komst *1º Solista* *

PERCUSSÃO

Abel Cardoso *2º Solista*

HARPAS

Coral Tinoco Rodriguez *1º Solista* *

Ana Isabel Dias *1º Solista* *

* instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Andrade

Inês Rosário

Leonor Azêdo

4 + 5 Maio

QUINTA, 21:00 / SEXTA, 19:00

Morte e Transfiguração

**Coro e Orquestra
Gulbenkian**

Susanna Mälkki



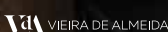
**GULBENKIAN
MÚSICA**

GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRAS



MECENAS
MÚSICA DE CÁMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



12 Maio
SEXTA, 19:00

Karita Mattila

**O regresso
da Diva**

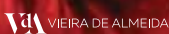
 **GULBENKIAN
MÚSICA**

GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



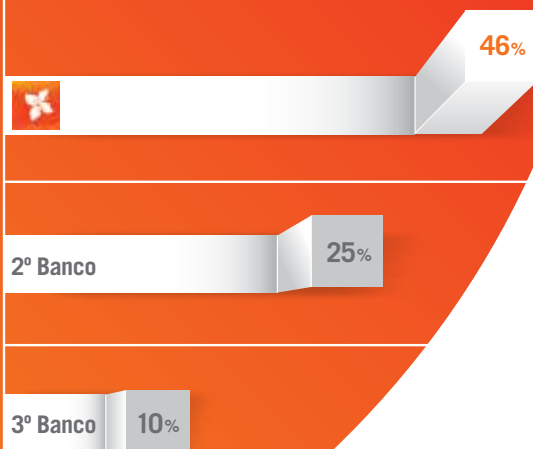
BANCO DE CONFIANÇA.



BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Selecções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
700 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Abril 2017

